

ALEX  
CLARON

DO LADO  
MAIS ESCURO



SHIRLEY SOUZA

ALEX  
CLARAN

DO LADO  
MAIS ESCURO





# SUMÁRIO

Antes do despertar.....7

## **PARTE I • A ORIGEM**



I O templo de pedra .....	13
II O lado de fora.....	26
III Despertar .....	39
IV Evolução .....	57
V Destino .....	67

## **PARTE II • REVELAÇÕES**



VI Visão ou sonho?.....	95
VII Efeito colateral.....	101
VIII Proteger e atacar .....	107
IX Não há humanos entre os Anuar.....	125
X Reflexos da realidade.....	147

## **PARTE III • O CAVALEIRO DO DRAGÃO**



XI O fogo .....	160
XII De volta ao lar .....	169
XIII Meses em dias .....	178
XIV Sangue de dragão .....	205

## PARTE IV • TEMPO DE GUERRA



XV	Quando não houver saída...	217
XVI	Desaparecer	246
XVII	Traições	251
XVIII	Instáveis	268
XIX	Encaixe imperfeito	283
XX	Conselho de Guerra	301
XXI	Nem todo sangue é vermelho	322
XXII	Do lado mais escuro	348

# ANTES DO DESPERTAR

*“Para os filhos da noite, a Escuridão é a Luz.”*

*“Beije você porque tive vontade, Alekssander.  
Você é um menino agora, mas será um guerreiro em breve.  
Beije a sombra do guerreiro que vejo em você.”*

*“Nem tudo é como parece. A realidade é muito  
mais ampla do que conseguimos ver.”*

*“Ela está morta, Alek. De volta à roda da vida.”*

*“Você sabia que há guerras entre os diferentes povos da Escuridão?  
Guerra entre irmãos de essência.  
E acontece o mesmo com os seres da Luz!”*

*“Não, Alek. Não encontrei a verdade.  
Os dois lados mentem. São iguais.”*

*“Você é aquilo que escolhe ser.”*

*“Com o poder não pode caminhar a culpa.”*

*“É sua irmã, sim. Gêmea, mas não é como você, garoto!”*

*“Tudo está ligado, Alekssander!”*



Alek acordou exausto, ofegante, encharcado de suor. O silêncio era absoluto.

Sentia cada músculo do corpo. Era como se não tivesse dormido nada e o cansaço da batalha ainda fosse o mesmo... ou pior.

Sua mente também não parecia ter descansado nem um pouco.

Agitado, ainda com dificuldade de digerir tudo o que acontecera nas últimas horas, o retorno para Dagaz o incomodava particularmente.

Sentou-se na cama, colocou os pés no chão e ficou observando o céu noturno pela janela que esquecera aberta. A lua quase cheia, ainda alta, brilhante, reinava no céu escuro. Os olhos observavam o mundo, mas a mente revivia a batalha com os Renegados e sua decisão de desintegrar Dario, o líder deles. A lembrança o atormentava.

Alek sentia asco de si mesmo. Não conseguia gostar daquilo em que se transformara. Além disso, a recepção em Dagaz não fora a esperada. Anuar não estava na cidade. Ninguém sabia dizer para onde fora o líder da Luz ou quando voltaria.

Alek quis levar Lucas consigo para o castelo, mas Martim o convenceu de que não seria uma boa ideia fazer isso sem a permissão de Anuar. O guerreiro abrigou o humano em sua casa e orientou Alek a localizar Silvia, a velha curandeira, em busca de ajuda para cuidar do amigo.

Para o Sombrio, nada saía como o esperado, nada seguia o rumo de sua vontade. Foi fácil encontrar Silvia, e ela praticamente se ofereceu para ir até Martim. Estava curiosa por conhecer o humano. Alek quis acompanhá-la, mas sabia que o melhor era aguardar no castelo. Esperar... Precisava falar com Anuar assim que possível! Logo que ele regressasse, seria avisado.

Levantou-se e caminhou até a janela. O frescor da noite era mais intenso do lado externo do quarto. A cidade dormia. Viu as estranhas sombras vivas deslocando-se sobre a floresta, ao longe. O que seriam elas afinal? Sempre que observava o céu de sua janela, estavam ali, mas, assim que deixava de olhá-las, pareciam se esvaír de suas memórias.

Ficou observando a lua, toda aquela claridade suave e absoluta.

*“Onde estará minha irmã? O que estará fazendo depois de tudo o que causou? Será que Ela consegue ter uma noite tranquila de sono?”*

A lua saiu de foco e Alek desequilibrou-se. Uma vertigem forte o atingiu e desapareceu em um instante.

Tudo o que precisava era dormir, mas não queria... Não queria tanta coisa, e ainda assim sua vontade não significava nada. Acima de tudo, não desejava acumular mortes. A imagem de Dario uniu-se à memória das outras mortes que causara. Os Anjos da Escuridão incinerados com o golpe da tempestade. Os Renegados ardendo com a luz azul dos anjos. Os outros tantos destruídos com o poder de seu braço de dragão. Mortes demais. Não devia se tornar a arma pela qual Anuar ansiava. Não... não podia. E por mais que relutasse, parecia que todas as suas ações o aproximavam desse destino. Seria uma poderosa arma mortal, muito em breve.

Uma tristeza doída o fez fechar os olhos e as lágrimas escorreram. Em silêncio. *“Sou um guerreiro?”* Com certeza se transformara em um. Não voltaria atrás nas escolhas que fizera. *“Mas não sou apenas um guerreiro. Sou o Sombrio.”*

Fitou o céu como se olhasse o vazio. *“Por que minha irmã não foi ao meu encontro? Será que não está pronta para o conflito, como Dario disse? Não acho que essa seja a razão.”*

A lua mais uma vez balançou diante de seus olhos e Alek sentiu-se zozno. Tentou firmar o olhar. O que seria aquilo? Uma mulher dançava na lua? Estaria alucinando?

– Você precisa conhecer, Alek!

Ele ouviu a voz suave. Não sabia dizer se estava em sua cabeça ou ali no quarto, próxima a ele. Segurou-se no parapeito, desequilibrado pela tontura.

– Você precisa conhecer a verdade. Olhe para o passado e veja! Veja!



• PARTE I •

# A ORIGEM



Quando Tulan nasceu, uma nova estrela brilhou no céu.

A garota acreditava nisso.

A mãe morrera enquanto ela nascia e fora transformada em estrela, para observar a filha lá do alto e protegê-la.



De fato, no mundo de Tulan, quando alguém bom morria, tornava-se estrela, desde que optasse por isso e não escolhesse voltar para a roda da vida.

Só os verdadeiramente bons tinham a chance de escolher.

Tulan ainda não sabia que a mãe não era uma pessoa verdadeiramente boa...

# I O TEMPLO DE PEDRA

A menina gostava de correr livre pelos corredores escuros e gelados de Monte Dald, o mosteiro construído em meio à cordilheira de Oblitus, encravado na parede rochosa como esculpido pela própria natureza, fundido de tal forma a ela que se tornava imperceptível aos olhos de quem observasse aquela montanha.

No templo, poucos aposentos recebiam a luz do sol e, em muitos quartos e corredores escuros, ardiam tochas e lamparinas, o que conferia uma aparência trêmula às sombras refletidas nas paredes.

Dentro de Monte Dald era sempre inverno, mesmo que o verão dominasse o lado de fora. O frio emanava do interior da cordilheira. O fogo era o grande companheiro dos Monges do Destino, ardendo no fogão, nas tochas, nas lareiras e criando recantos aconchegantes na imensidão daquela construção milenar, mesmo em lugares nunca tocados pelos raios solares.

Para quem visitasse o mosteiro pela primeira vez, Monte Dald parecia uma fortaleza, não um local sagrado. Havia mais guerreiros armados transitando por todos os recantos, treinando de maneira incansável, do que monges meditando, orando ou entoando cânticos...

A menina sentia-se bem ali, em meio àquela agitação que contrastava com a frieza da construção. Ela conhecia cada reentrância oculta pelas sombras, transitava livre por todos os andares de Monte Dald, sempre envolta no grosso casaco de lã negra que a mantinha aquecida, ainda que se afastasse por horas de uma fonte de calor. Poucos lugares eram proibidos a Tulan.

A pequena acompanhava diariamente a agitação intensa do treinamento guerreiro e não imaginava que algo pudesse, de fato, ameaçar

a segurança de Monte Dald. Não considerava possível nem mesmo algum ser vivo chegar até o templo sem a orientação de um dos monges pelas tortuosas e perigosas trilhas que subiam a encosta da montanha. Por isso, não entendia a atenção devotada à formação quase obsessiva de tantos guerreiros destinados a proteger o mosteiro.

As crianças de Monte Dald iniciavam o treinamento ao completarem três ciclos de vida – começavam juntas, descobrindo dons, afinidades com os elementos e definindo seu papel na história dos Monges do Destino. Logo após a iniciação, trocavam as pesadas roupas de lã por calças e uma túnica de mangas curtas, de tecido grosso e rústico, escuro como uma roupa encardida, da mesma cor que as paredes da montanha. A troca da vestimenta facilitava muito a movimentação dos aprendizes, principalmente nas atividades físicas, mas nem de longe essas vestes aqueciam tanto quanto o manto destinado aos pequenos não iniciados. O fato era que, ao passarem pelo ritual que os conectava a Oblitus, os Monges do Destino não sentiam o frio da mesma maneira que antes e não necessitavam da proteção do manto de lã.

Uma vez que selavam a conexão com a cordilheira, a iniciação passava a ser visível por todos: após a cerimônia, a criança ganhava uma mancha negra irregular na mão esquerda, a qual crescia sob a pele e atravessava da palma para a parte externa da mão, parecendo mover-se como se fosse viva. O formato da mancha dava uma primeira indicação sobre os dons a serem desenvolvidos no aprendiz, acusando se ele seria um monge guerreiro, escriba, leitor ou invocador do Campo do Destino.

A conexão com Oblitus crescia conforme os aprendizes desenvolviam seus dons, dedicavam-se a eles, e isso também era visível: com o passar do tempo, a mancha irradiava grossos veios que subiam pelo braço esquerdo dos aprendizes, sempre em movimento pulsante; depois ganhavam o ombro e parte do peito dos monges; então, atingiam o pescoço e, por fim, o rosto. Os monges mais velhos e experientes tinham a metade esquerda da face co-

berta por muitas dessas ramificações negras, que se moviam como serpentes sob a pele, e até mesmo a íris de alguns recebia um contorno negro irrequieto.

Por essa transformação, para evitar os olhares curiosos que provocavam em outros povos do Mundo Antigo, quando saíam do mosteiro sempre usavam um longo casaco cinzento com capuz, que ocultava seus braços e lhes mantinha o rosto protegido da atenção de estranhos.



Foi com a idade de três ciclos completos que Tulan percebeu que não pertencia àquele lugar. Antes disso, era uma criança como as outras, ainda que menor, aparentemente menos forte, cuidada pela coletividade, cercada de carinho e atenção. Via a todos como irmãos, e era assim vista por eles.

Tudo mudou quando a proibiram de acompanhar os amigos à iniciação. Não seria iniciada. Percebeu-se diferente e foi percebida assim. Separou-se da irmandade e não encontrou um meio para reconectar-se a ela.

Dia após dia, seu isolamento cresceu: a exclusão das horas de treinamento dos pequeninos ampliou-se para todos os momentos. Com o passar das semanas, deixou de ser envolvida nas brincadeiras, não era mais convidada a participar e tampouco bem recebida quando tentava incluir-se. Não se sentia mais à vontade com eles nos momentos de alimentação. Até para dormir foi retirada do lugar que sempre lhe pertencera, levada para o canto do dormitório, na cama escura que por alguma razão ficava separada das demais e nunca fora ocupada. Talvez, desde o início, estivesse reservada a ela.

Enquanto a alegria crescia nos novos aprendizes de Monte Dald, em Tulan, a tristeza mostrava seu poder.

O desenvolvimento físico da garota permaneceu mais lento, e ela viu os antigos companheiros amadurecendo, enquanto conti-

nuava uma criança. O tempo transcorria em outro ritmo, isolando-a ainda mais.

O questionamento foi natural, nasceu dessa separação forçada daqueles que, até então, a rodeavam. A resposta que ouviu de todos expunha que ela era uma forasteira e, por essa razão, seu destino seria diferente. Tulan, ainda tão pequena, passou a perguntar sobre sua origem e, conforme o tempo avançava, as dúvidas se aprofundavam. Desejava entender quem era, de onde viera, qual seria esse seu Destino, qual o motivo para ser isolada.

Os mais velhos, que podiam falar com liberdade sobre o evento – ou melhor, sabiam o que devia ser dito –, contavam que mestre Salkhi a trouxera em uma noite tempestuosa, mas, quando perguntava de onde viera, respondiam que isso não importava... que passara a existir para eles no momento em que Salkhi atravessou o portal do templo com a menina nos braços, e isso bastava.

Não bastava.

Mestre Salkhi, ao longo dos primeiros ciclos, lhe deu pouca informação, pistas soltas como migalhas que formavam uma trilha a ser percorrida.

Quando atingiu o amadurecimento equivalente a uns cinco ciclos, Tulan já havia perturbado mestre Salkhi infinitas vezes com esses questionamentos, e as narrativas reunidas apontavam que sua mãe falecera durante o parto. Tulan a imaginava uma pessoa doce, boa, e torcia para ela ter se transformado em uma estrela que pudesse observá-la do céu a cada noite.

Sabia-se que, quando a garota nasceu, o tempo era de fome e guerra disseminada pelo mundo. Luz e Escuridão combatiam mais uma vez: de maneira visceral, buscavam encontrar o poder que mudaria o equilíbrio das forças – nascera o Sombrio, a criança prevista em visões antigas, mestiça, filha da Luz e da Escuridão, capaz de dominar ambas as forças, uni-las ou destruí-las.

Todos os seres, voluntariamente ou não, estavam envolvidos nessa busca sangrenta, de modo que nenhuma família poderia acolhê-la.

Foi nessa época que chegou aos braços do Monge do Destino, membro de um dos poucos povos que permaneciam neutros e à margem do conflito. Sob uma tormenta, o bebê fora trazido até ele, enquanto comprava provisões na vila.

Nada mais Salkhi sabia sobre a origem da criança, cuja mãe não conheceu, tampouco a mulher que a entregara, uma andari-lha cigana sem paradeiro certo, que seguia pelo mundo como uma folha ao vento.

Quando reuniu as peças dessa pequena história, Tulan passou a desconfiar de que não era a verdade completa. Nos últimos ciclos, usufruía a companhia de Salkhi por muitas horas diárias. Desde que as outras crianças iniciaram o treinamento, novas rotinas foram impostas a Tulan: ajudar em tarefas cotidianas – o que tomava algumas horas do dia; perambular sozinha pelo mosteiro – o que fazia por muitas horas todos os dias; ficar entre as crianças menores, que ainda não haviam iniciado o treinamento – o que fez por alguns meses, mas logo se aborreceu e deixou tais atividades de lado; permanecer sob os cuidados de Salkhi, quando ele não estivesse em uma missão ou treinando os jovens monges guerreiros – o que era a escolha preferencial da menina.

Nessa convivência diária, Tulan logo percebeu que Salkhi desviava o olhar e afastava-se dela ao repetir a versão dos fatos sobre seu passado. As marcas negras de seu braço, pescoço e rosto pareciam se agitar em um ritmo diferente. Sua impressão era a de que até os curtos cabelos negros de Salkhi se eriçavam.

A menina já havia notado que o mestre mirava na profundidade dos olhos de seu interlocutor enquanto falava algo importante. Seu corpo forte e grande mantinha-se imóvel, como se fosse parte da montanha; as manchas negras aquietavam-se, ficando praticamente inertes, apenas acompanhando o pulsar da respiração. Não era comum adotar aquela postura fugidia e contraída, como se esperasse um golpe repentino. Pelo que ela vinha observando, Salkhi só fazia isso quando ocultava informações que não desejava revelar. Crianças

identificam com facilidade as fraquezas dos adultos, e aquele era um ponto fraco do monge.

Apesar de essa origem obscura atormentar os pensamentos de Tulan de tempos em tempos, não era uma perturbação contínua, apenas um incômodo que se acentuava em momentos de extrema solidão, um sentimento agudo de não pertencimento, de não se encaixar; isso lhe doía como um espinho fincado na planta do pé...



Tulan não podia lembrar, mas, quando chegara a Monte Dald, ainda não tinha um mês de vida, estava fraca, debilitada por um resfriado, e o Conselho do templo não foi favorável à sua permanência. Não recebiam aprendizes de fora: os Monges do Destino nasciam ali, vindos de uma linhagem que se perdia na origem do tempo.

Claro que aconteceram tentativas de aceitar os poucos aprendizes que chegaram até o mosteiro sozinhos, em busca de conhecer os segredos do Destino. Contudo, nenhuma dessas situações teve êxito. As práticas dos monges, quando iniciadas pelos forasteiros, sugavam-lhes a energia vital, eles adoeciam e não podiam partir.

Todos os Monges do Destino, ao começarem o treinamento em Monte Dald, permitiam que suas vidas se ligassem intimamente a Oblitus e, a partir daí, não sobreviviam por muito tempo longe da cordilheira, pois precisavam da energia do local para manterem-se bem. No caso dos forasteiros, também não sobreviviam por muito tempo dentro do mosteiro. A conexão era incompleta, defeituosa.

Por essa razão, o Conselho repreendeu mestre Salkhi por trazer uma criatura tão frágil para Monte Dald, um bebê que não poderia escolher por si mesmo.

— Mas ela não sobreviveria ao inverno se eu não fizesse isso... — argumentou.

– Pois não sobreviverá muito mais do que alguns ciclos aqui em Monte Dald, você sabe, Salkhi. Em três ciclos deverá ser iniciada... a conexão com Oblitus sugará sua vida – concluiu mestra Amidral, a mais antiga Monja do Destino, líder do Conselho.

Amidral era pequena, tinha uma aparência delicada; os longos e volumosos cabelos prateados desciam em cachos até o meio das costas. A pele era quase tão negra quanto os veios que lhe cobriam o rosto. Apesar dos muitos ciclos de vida, não tinha a pele marcada pelo tempo.

Este era um dos efeitos da conexão com Oblitus: o corpo dos monges permanecia bem, como no auge de sua forma física. Ficavam assim até o momento da morte, quando se desfaziam em uma lama negra, que era reabsorvida pela cordilheira. Amidral analisou a situação com calma e concluiu:

– Talvez o destino dessa criatura fosse morrer em seus primeiros dias e voltar à roda da vida.

– Não é possível que esse seja o destino dela! – refletiu Salkhi. – Qual seria o propósito disso? Essa criança é muito especial para ter esse destino.

– E de fato não é isso o que vejo no Livro – comentou mestre Golyn, enquanto acompanhava as possibilidades do destino do bebê no Livro Eterno e ficava claro quem ele era.

Golyn era alto, extremamente magro e, embora aparentasse ter uns quarenta anos humanos, era quase tão velho quanto Amidral, em breve completaria trezentos ciclos de existência. A cabeça nua deixava transparecer os muitos veios negros que se agitavam como que refletindo o ritmo de seus pensamentos. O que antes havia sido um contorno negro de sua íris hoje tomava toda a esclera esquerda, destacando a cor dourada do olho, que parecia aceso em meio àquela negritude pulsante. Golyn tinha um jeito suave de falar, capaz de emanar tranquilidade. Concentrado no Livro Eterno, como se houvesse encontrado um enigma, expôs:

– A história de vida dela está confusa por enquanto, são muitas as possibilidades abertas, várias ainda ilegíveis. No entanto, as li-

nhas definidas não revelam a morte próxima, tampouco a conexão com Oblitus.

– Aguardemos o tempo passar, então... – concluiu Amidral – e observemos de perto o que seu destino vai revelar.

Salkhi assumiu a responsabilidade de cuidar do bebê nas primeiras semanas, até que se curasse do resfriado e pudesse ser inserido entre as crianças do templo. Foi ele quem escolheu o seu nome. Na verdade, o nome veio a ele em um sonho...

“*Como mantê-la a salvo em Monte Dald?*”, foi o questionamento que o monge se impôs nos dias que se seguiram à reunião do Conselho, buscando a resposta em cada momento de meditação.

Algumas noites depois, ainda quando o tempo das chuvas antecedia o inverno que se aproximava, Salkhi teve o sonho que revelou a natureza guerreira da menina – pelo menos foi assim que o mestre interpretou a imagem da garota coberta de sangue, em meio a uma grande batalha. Seria chamada de Tulan, a batalha.

Pediu nova audiência aos mestres do mosteiro.

– Podemos mantê-la aqui sem a iniciar nas artes do Destino. Vi isso em um sonho. Podemos treiná-la nas habilidades de combate e torná-la uma guardiã do templo, uma monja guerreira...

– Viu isso em um sonho, Salkhi? Pelo que sei, não possui esse dom – questionou irritada mestra Shuurga, monja escriba, cujo dom era justamente enxergar o Destino nos sonhos.

Shuurga era a mais nova mestra do templo, as manchas negras ainda subiam por seu pescoço, sem lhe atingir a face. Assumira a posição depois da morte de seu antecessor. O temperamento quente refletia-se na cabeleira vermelha. Quando Shuurga era uma aprendiz, por diversas vezes foi tema de discussão no Conselho: seria a herdeira natural de Delkhii, o antigo mestre escriba; desenvolvera seus dons por completo, possuía uma conexão forte com Oblitus, mas não tinha a serenidade necessária a um membro do Conselho, o que os preocupou por muito tempo. Shuurga não mudou com a idade e, como foi eleita pela cordi-

lheira, após a morte de Delkhii, assumiu seu lugar na liderança dos monges escribas.

– Penso que a longa meditação me levou ao sonho, Shuurga... – Salkhi sabia que isso era possível, apesar de incomum.

No templo, cada monge tinha um dom, e os dons se complementavam... Nenhum monge conhecia todos os segredos do Destino. Dessa maneira, o equilíbrio reinava em Monte Dald desde a origem da existência.

Golyn encerrou a discussão:

– Sim, isso é possível... compreendo agora o que não entendia antes... – disse, lendo o Livro Eterno. – Esse é um dos caminhos abertos, vejo bem aqui! Ela permanecerá viva se não for iniciada. E, com certeza, será uma grande guerreira.

– E Oblitus permitirá? – questionou Shuurga.

– Ao que parece, sim... – respondeu Golyn, consentindo com a cabeça.

– Você sugere treiná-la apenas com habilidades de combate, correto? – quis saber Amidral, dirigindo-se a Salkhi. – Sem a magia dos elementos? É isso o que propõe?

– Pode não ser o mais eficiente, reconheço, Amidral... Mas isso a manteria viva, como disse Golyn. Ela não precisaria fazer a conexão com a montanha.

– Também a tornaria uma ameaça, pois poderia partir, abandonar o templo quando bem quisesse, já que não seria iniciada e não estaria ligada a Oblitus... – contrapôs Shuurga, irritada.

– Não teria como revelar nossos segredos, uma vez que não os conheceria – concluiu Amidral, entendendo aonde Salkhi queria chegar.

– Discordo! Devemos encarar que mantê-la aqui, por si só, ameaça nossa existência. E se ela fugir quando estiver maior, ainda que não conheça nossos segredos, será capaz de guiar quem deseje chegar até o mosteiro – opôs-se Shuurga novamente.

– Nenhum dos monges previu sua chegada em nosso templo...

– Amidral disse, pensativa. – O Sombrio não aparecia descrito em

nossa história até o momento em que você chegou com a criança nos braços, Salkhi... Só ali o Livro Eterno nos revelou como sua trajetória emaranhava-se à nossa. Isso me faz pensar que ninguém suspeitará de sua estada em Oblitus. Se a criança nos foi dada sem que antes nos fosse avisado, o Destino deve ter suas razões, Shuurga... Pode ser essa a explicação para as gerações de monges guerreiros que vimos nascer, tão mais numerosos do que os monges que trazem os outros dons. Não nos questionamos sobre isso há décadas? E no caso de ela nos abandonar, podemos redesenhar os caminhos que trazem ao templo. Essa ameaça seria contornada com certo trabalho, reconheço, mas nada impossível para nós.

Salkhi, aliviado, abriu um sorriso quando ouviu a conclusão de Amidral:

– Por agora, deixemos assim... Penso que devemos continuar acompanhando o destino de Tulan e rever a situação da menina quando for oportuno.

E prosseguiram dessa maneira, dando atenção ao que o Livro Eterno revelava sobre os caminhos de Tulan e avaliando o destino da menina de tempos em tempos.

Viram a curiosidade crescente da criança antes que ela se manifestasse e se prepararam para isso, decidindo o que deveria ser revelado à pequena.

– Todos concordam que sua origem deve ser mantida em segredo? Que ela não deve saber que é a Sombria? – concluiu Amidral na reunião que antecedeu o aniversário de três ciclos de Tulan.

– Parece ser o melhor... para nós e para ela – consentiu Shuurga.

– Mas devemos considerar que não será possível represar esse rio para sempre – alertou Golyn.

– Represaremos o quanto pudermos, irmão – concluiu Salkhi, questionando a si mesmo até quando a verdade permaneceria oculta e o que aconteceria ao ser revelada.



A cada novo dia, Tulan passava muito tempo sozinha. Enquanto todos viam aumentarem as horas de estudos, afazeres e treinamentos, ela percorria os corredores vazios e escuros de Monte Dald. Poucas tarefas lhe foram passadas no princípio. Pelo que se recordava, sua única obrigação até completar cinco ciclos era peneirar a farinha usada na produção do pão a cada manhã. No restante do tempo, ou estava com Salkhi, ou ninguém imaginava o que poderia estar fazendo.

Uma menina destemida, de longos cabelos negros e olhos cinzentos arregalados e curiosos, sem supervisão, que cabia em qualquer reentrância e, por isso, aprofundava-se nas rachaduras que levavam ao interior e aos recantos de Oblitus, chegando até mesmo a lugares desconhecidos dos Monges do Destino. Nenhum deles tivera tempo ocioso suficiente para as explorações que Tulan empreendia.

Foi logo no início que descobriu a trilha estreita e ascendente que saía de uma das janelas do refeitório e levava ao Pico Escarpado, onde encontrou três imensas fênix. Quando contou isso a Salkhi, ele a advertiu para manter-se distante, explicou o quanto aquelas aves eram especiais, que precisavam de tranquilidade e não de uma menina xereta entre elas. Narrou como eram capazes de renascer das próprias cinzas e buscavam o templo quando esse momento se aproximava. Tulan, contrariando as advertências do mestre, passou a visitar o pico sempre que podia, na esperança de assistir a um renascimento, mas o máximo que conseguiu foi presenciar momentos de sono ou descanso daqueles seres; nos melhores dias, chegou a vê-las limpando as próprias penas que, sob a luz do sol, bruxuleavam como o fogo.

Também encontrou a câmara reluzente que, em sua visão de menina, era o coração encantado de Oblitus: brilhava em um azul cintilante, parecendo pulsar, e, lá no alto, havia uma pequena abertura para fora da montanha. Sob seus pés, o chão se constituía em parte por pedras e em parte por areia bem macia. Tulan visitou a câmara

infinitas vezes, era seu lugar predileto de brincar e de ficar só... Sempre que estava ali, sentia-se conectada à cordilheira, como se fosse parte dela, parte de algo... No coração de Oblitus, não era uma pária.

Tulan tentou mostrar a câmara para Salkhi, que a desconhecia por completo. Não havia registros do lugar nos textos ou nos mapas do templo. Mas o corpo do mestre guerreiro era grande demais para a estreita abertura por onde Tulan se esgueirava, e ele não conseguiu vislumbrar o que a menina descrevia.

O mestre encantava-se ao comprovar que, por mais que fizessem para manter a ignorância de Tulan, ele mesmo tinha o que aprender com a pequenina e até sobre o lugar onde vivia e a respeito do qual considerava tudo conhecer.

Depois, Tulan encontrou a trilha que descia até o rio subterrâneo, responsável por abastecer de água Monte Dald. Isso ajudou a solucionar o problema que os monges enfrentavam havia mais de vinte ciclos para fazer a manutenção das tubulações. Não tinham acesso às estruturas desde que a trilha que conheciam sofrera um desabamento, tornando-se inutilizável.

Foram diversas as descobertas da menina, até que Amidral decidiu que estava na hora de interromper as explorações de Tulan.

– É tempo de iniciar seu treinamento nas artes do combate, Salkhi. Precisamos manter essa menina ocupada e longe de confusões. O que mais ela descobrirá em Monte Dald?

– Iniciarei o treinamento amanhã, Amidral. Farei isso após o término do acompanhamento dos outros aprendizes... Ainda assim, ela terá boa parte do dia livre, sem que eu possa supervisioná-la.

– Penso que devemos aumentar sua participação nas tarefas de rotina do templo, ocupá-la mais, talvez com a limpeza dos aposentos – sugeriu Shuurga.

– Recomendo que lhe seja ensinada a história de nosso povo e de todos os povos do Mundo Antigo – falou Golyn. – O Livro Eterno mostra que sua sabedoria crescerá e não penso que combate ou mesmo nossas tarefas cotidianas vão contribuir para isso.

– E o que você sugere, Golyn?

– A menina é curiosa, de natureza questionadora. Sugiro que a alimentemos com boas informações, selecionadas e fornecidas por nós. Que aumentemos a convivência com ela, dividindo a responsabilidade com Salkhi. Assim não ficará tão solta. Sempre terá um de nós por companhia.

– Ultrajante sua proposta, Golyn! – rebateu Shuurga com rispidez. – Somos mestres! Não temos tempo a perder com uma criança que nem sequer é capaz de aprender nossos dons! Foi Salkhi quem a trouxe. Ela é um fardo dele, está bem claro.

– Penso que menospreza o que não compreende, Shuurga – disse Golyn calmamente, quase sussurrando. – A Sombria não é uma criança como as outras. Não conhecemos esse ser. Não sabemos do que ele é capaz. O que pode ou não aprender? Quais dons traz em si? Talvez sejamos nós que tenhamos o que aprender com Tulan. Talvez estejamos sendo presunçosos ao pensar que temos o que ensinar a ela, ao julgar o que deve ou não lhe ser ensinado... Afinal, a própria cordilheira revelou à menina segredos que nunca nos mostrou, e nosso povo está aqui há eras.

– Basta! – comandou Amidral. – Se o Livro Eterno diz que a menina se tornará sábia, entendo que Oblitus começou a ensiná-la antes de nós. E concordo: ela mesma já começou a nos ensinar algo. É hora de fazermos nossa parte.